

o restaurante no fim do universo

douglas adams

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

P R E F Á C I O

A primeira tentação para o leitor mais desprevenido e que se cruze, por acidente, com *O Restaurante no Fim do Universo*, julgando tratar-se, quem sabe, de um apetitoso livro de culinária pejado de receitas do outro mundo, será entrar em pânico. Siga as instruções imortalizadas na capa desse objeto essencial para qualquer ser vivo desta e de outras galáxias que é o guia *À Boleia pela Galáxia: NÃO ENTRE EM PÂNICO*. Eu compreendo: é provável que, nunca antes ou depois deste livro, o caro leitor se tenha cruzado com uma tal torrente de ideias, conceitos, lições de vida e piadas, concentrada em tão poucas páginas. Um começo, para evitar grandes ataques de stresse, será ler o primeiro volume desta trilogia em cinco livros, *À Boleia pela Galáxia*. Mas mesmo assim, não ficará livre de uma valente *overdose* de ideias brilhantes, quando exposto a *O Restaurante no Fim do Universo*, o livro que o seu autor, Douglas Adams, considerava o mais conseguido de toda a saga.

A média de estrondosas ideias por página é, em qualquer livro de Adams, avassaladora — mas este bate todos os recordes. Ou não começasse esta segunda parte das aventuras de um terrestre pelos confins mais alternativos do espaço com uma refeição no restaurante do título. Só que dentro deste estabelecimento, Adams não só nos serve o espetáculo do fim do Universo como se de um banal fogo de artifício para turistas se tratasse,

como apresenta, à mesa dos convivas, uma vaca viva, falante, que indica com grande rigor e simpatia quais as partes do seu corpo mais saborosas (numa sequência hilariante que faz mais pelo consumo de vegetais do que milhões de campanhas — apesar de Adams até apreciar um bom bife). Quando um livro arranca com momentos assim — e quando se sabe que o autor, mais do que um escritor no sentido mais tradicional da palavra, era um profundo conhecedor dos mecanismos que fazem andar a comédia e um filósofo provocador —, rapidamente se percebe que *O Restaurante no Fim do Universo* vai ser uma «trip» inesquecível.

Como todos os livros da série *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*, *O Restaurante no Fim do Universo* não é uma narrativa tradicional, levando os heróis do ponto A ao ponto B e seguindo a estrutura rígida que os profissionais da escrita de histórias defendem como sendo aquela que faz de um romance... um romance. Adams assumia, com algum gozo, que já sofria o suficiente só com o conceito de ter de escrever um volume com cento e tal páginas (ele que vinha da escola da escrita de *sketches* para teatro, televisão e rádio, tendo trabalhado, por exemplo, com os Monty Python na última temporada de *Os Malucos do Circo*), pelo que se ainda se tivesse de preocupar com noções de estrutura, estaria bem arranjado. Ainda bem que ele mandou a estrutura às urtigas, porque é esse «defeito» que faz dos volumes da saga *À Boleia pela Galáxia* aquilo que eles são e a razão por que não lhes conseguimos resistir: são literalmente o relato das viagens de um grupo de indivíduos neuróticos, desorganizados e inconstantes por variadíssimos planetas, dimensões e universos igualmente neuróticos, desorganizados e inconstantes. Num momento estamos no ponto A, depois estamos no K, depois vamos para o C e com sorte chegaremos ao X (Adams morreria tragicamente cedo em 2001, aos 49 anos de idade, antes de criar para as suas personagens de *À Boleia pela Galáxia* um «grand finale»).

Em vez de uma história, há várias — há quase uma pequena história por cada planeta por onde Arthur Dent e amigos passam; e uma história por cada uma das muitas personagens que vamos encontrando na viagem. É um interminável desfile de bonecas russas: umas com duas cabeças, outras com feições de inseto, outras ainda com «look» de estrela rock temporariamente morta para efeitos fiscais; todas, genericamente, com péssimo

feito. Sem o espartilho de uma grande estrutura rígida, Adams tem espaço para descobrir e desenvolver as pequenas sagas detalhadas que pulsam dentro da grande saga «desorganizada» que são os cinco volumes da aventura, e é nessas pequenas histórias que descobrimos que, apesar do embrulho parecer ter sido criado sob o efeito de LSD, é preciso ser-se incrivelmente lúcido e inteligente para usar todo um vasto elenco de criaturas intergalácticas para satirizar assuntos tão terrestres como a burocracia, o poder, a lenta destruição do planeta, e a nossa total e completa insignificância perante a imensidão do espaço e o insolúvel enigma que leva a que, por exemplo, a resposta para a grande questão sobre a vida, o Universo e tudo o mais seja... 42.

Mais do que uma história, *O Restaurante no Fim do Universo* é uma «jam session» sobre todos estes temas, o que não é de estranhar, dado o gosto que Douglas Adams tinha por música (sendo Bach e Pink Floyd os seus favoritos). Nos tempos em que *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy* era ainda um projeto de radionovela de ficção científica cómica para a BBC, a grande preocupação do autor era que, mais do que uma novela, um *serial* ou um programa de humor, a obra soasse a um gigantesco disco conceptual. A verdade é que quase todas as encarnações desta saga, sejam elas para ouvir, ver ou ler, soam a um gigantesco disco conceptual — e isso é música para os sentidos de leitores que querem as suas sagas espaciais com um tempero generoso de inteligência e provocação.

Além disso, está aqui dentro de *O Restaurante no Fim do Universo* a teoria definitiva sobre as origens da espécie humana. Parece que, no fim de contas, fomos nós que viemos todos dentro de uma arca. E isso, como é óbvio, só podia dar sarilho.

Nuno Markl

*Para a Jane e o James
com profundos agradecimentos,*

a Geoffrey Perkins por ter alcançado o improvável,

*a Paddy Kingsland, Lisa Braun e Alick Hale Munro
por o terem ajudado,*

a John Lloyd pela ajuda com o guião original de Milliways,

a Simon Brett por estar na origem disto tudo,

*ao álbum de Paul Simon One Trick Pony,
que ouvi sem cessar enquanto escrevia este livro.
Cinco anos é tempo de mais.*

*E com cumprimentos especiais a Jacqui Graham
pela reserva inesgotável de paciência, simpatia
e comida nos momentos adversos.*





*

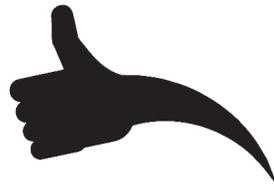
Há uma teoria segundo a qual se todos descobrissem
ao certo o que é o universo e porque existe, este
desapareceria imediatamente e seria substituído
por algo ainda mais bizarro e inexplicável.

*

*

Há outra teoria que diz que isto já aconteceu.

*





Resumindo:
No início, o universo foi criado.
Isto deixou muita gente furiosa e foi encarado de forma mais ou menos generalizada como tendo sido má ideia.

Muitas espécies acreditam que o universo foi criado por um tipo de deus, apesar de os jatravartídeos de Viltvodle Seis acreditarem que foi espirado para fora do nariz de um ser a que chamam «O Grande Arkleseizure Verde».

Os jatravartídeos, que vivem num medo constante de uma altura a que chamam «A Vinda do Grande Lenço Branco», são pequenas criaturas azuis com mais de cinquenta braços cada e com a particularidade de serem a única espécie na história a ter inventado o desodorizante em aerossol antes da roda.

No entanto, a teoria do Grande Arkleseizure Verde não é aceite de forma unânime fora de Viltvodle Seis e, sendo o universo o sítio intrigante que é, há uma busca constante por outras explicações.

Por exemplo, uma raça de seres hiperinteligentes e pandimensionais construiu um supercomputador gigante chamado Pensamento Profundo para calcular, de uma vez por todas, qual seria a Resposta à Questão Derradeira sobre a Vida, o Universo e Tudo o Resto.

Durante sete milhões e meio de anos, Pensamento Profundo computou

e calculou e, finalmente, anunciou que a resposta era «quarenta e dois», forçando a construção de um computador ainda maior para descobrir qual era a pergunta.

E este computador, que se chamava Terra, era tão grande que era frequentemente confundido com um planeta, em especial por criaturas semelhantes a macacos que vagueavam pela sua superfície completamente alheias ao facto de serem apenas parte de um gigantesco programa informático.

Ora isto é altamente bizarro porque, sem esta partícula de informação perfeitamente simples e óbvia, nada do que aconteceu na Terra poderia aspirar a fazer sentido.

Infelizmente, porém, imediatamente antes do momento decisivo do anúncio da resposta, a Terra foi demolida de forma inesperada pelos vogens para permitir a construção de uma nova via rápida hiperespacial (pelo menos, foi essa a justificação que deram) e toda e qualquer esperança de descobrir qual era o sentido da vida desvaneceu-se de forma irremediável.

Ou talvez não.

Porque duas destas criaturas semelhantes a macacos sobreviveram.

Arthur Dent escapou a tempo porque um velho amigo, Ford Prefect, era na realidade de um pequeno planeta algures nos arredores de Betelgeuse e não de Guildford, como sempre dissera até então. E, mais importante do que isso, este amigo sabia como apanhar boleia de discos voadores.

Tricia McMillan, ou Trillian, tinha deixado o planeta seis meses antes com Zaphod Beeblebrox, então Presidente da Galáxia.

Dois sobreviventes.

São tudo o que resta da maior experiência jamais efetuada e que tinha como objetivo descobrir qual a Questão Derradeira sobre a Vida, o Universo e Tudo o Resto.

A menos de um milhão de milhas da posição em que a sua nave desliza pachorrentamente pela escuridão fluida do espaço, uma nave vagon aproxima-se deles sem pressas.



Como todas as naves vagon, esta parecia ter coagulado em vez de ter sido construída. As desagradáveis protuberâncias e excrescências amarelas que se projetavam do casco em ângulos medonhos teriam desfigurado o aspeto da maior parte das naves, mas, neste caso, tal era impossível. Há relatos de coisas mais feias a vaguear pelos céus, mas as testemunhas nunca são de confiança.

Aliás, para conseguir ver qualquer coisa mais feia do que uma nave vagon, seria necessário entrar e olhar para um vagon. Mas, se houver bom senso, este é precisamente o tipo de coisa que convém evitar, porque o vagon comum não pensará duas vezes antes de fazer ao visitante qualquer coisa tão gratuitamente horrenda que este desejará nunca ter nascido ou (se for uma pessoa esclarecida) que o vagon nunca tivesse nascido.

A bem da verdade, diga-se que o vagon comum nem sequer pensaria uma única vez. São criaturas simplórias, casmurras, com raciocínio lento e pensar não é a sua atividade predileta. A análise anatómica de um vagon revela que o seu cérebro era, originalmente, um fígado deformado e ineficaz que foi parar onde não devia. A sua maior qualidade é saberem muito bem aquilo de que gostam. Isso costuma envolver aleijar pessoas e, sempre que possível, ficar extremamente irritado.

Uma das coisas de que não gostam mesmo nada é de deixar um

trabalho por acabar. Especialmente este vogon em particular e, por várias razões, este trabalho em particular.

O vogon em questão era o capitão Prostetnic Vogon Jeltz, do Conselho de Planeamento do Hiperespaço Galáctico, e tinha sido ele a ser incumbido de demolir o planeta a que chamavam «Terra».

Moveu o seu monumental e asqueroso corpo na cadeira desproporcionada para o seu tamanho e coberta de muco e olhou para o ecrã no qual a nave *Coração de Ouro* era monitorizada de forma contínua.

Importava-lhe pouco que a *Coração de Ouro*, com o seu motor de improbabilidade infinita, fosse a mais bela e revolucionária nave jamais construída. A estética e a tecnologia não lhe diziam absolutamente nada e, se dele dependesse, mandaria queimar todos os livros sobre o assunto e enterrar as cinzas.

Importava-lhe ainda menos que Zaphod Beeblebrox estivesse a bordo. Zaphod Beeblebrox era agora o ex-Presidente da Galáxia e, apesar de todas as forças policiais galácticas o perseguirem, a ele e à nave que tinha roubado, o vogon não estava minimamente interessado.

Tinha outra coisa em mente.

É comum ouvir-se que os vogons não estão imunes a pequenos subornos e corrupções da mesma maneira que as ondas do mar não estão imunes à ação do vento e isso era verdade neste caso específico. Sempre que ouvia palavras como «integridade» ou «retidão», pegava num dicionário e procurava-lhes o significado. E quando ouvia o tilintar de uma quantidade generosa de dinheiro, pegava no regulamento e atirava-o para longe.

Ao pretender destruir a Terra e todo o seu recheio de forma tão implacável, estava a mover-se ligeiramente acima dos seus deveres profissionais. Havia até dúvidas sobre se a referida via rápida seria ou não construída, mas o assunto acabou por ser encoberto.

Soltou um grunhido de satisfação.

— Computador, — rugiu, — estabelece uma ligação com o meu psiquiatra.

Segundos depois, a cara de Gag Halfrunt apareceu no ecrã, sorrindo como um homem consciente da distância de dez anos-luz que o separava do vogon para quem olhava. Misturada algures no meio do sorriso, havia também uma ponta de ironia. Apesar de o vogon se referir a ele como

«o meu psiquiatra privativo», não havia grande psique para analisar e, na realidade, era Halfrunt que recorria aos seus serviços e não o contrário. Pagava-lhe uma quantia imensa em dinheiro para fazer um trabalho muito sujo. Como um dos psiquiatras mais eminentes e bem-sucedidos da galáxia, juntara esforços com um grupo de colegas dispostos a gastar muito dinheiro para evitar algo que poderia significar o fim da psiquiatria.

— Bom, — disse ele, — olá, meu capitão de vogons Prostetnic, e como se sente hoje?

O capitão vogon contou-lhe que, ao longo das últimas horas, tinha aniquilado quase metade da tripulação como medida disciplinar.

O sorriso de Halfrunt não se desvaneceu nem por um segundo.

— Bom, — disse ele, — acho que esse tipo de comportamento é perfeitamente normal para um vogon. A canalização natural e saudável dos instintos agressivos por intermédio de atos de violência sem sentido.

— Isso — grunhiu o vogon — é o que diz sempre.

— Bom, mais uma vez, — disse Halfrunt, — acho que esse tipo de comportamento também é perfeitamente normal para um psiquiatra. Ora bem. Estamos os dois com as nossas atitudes mentais perfeitamente ajustadas hoje. Agora diga-me. Há novidades acerca da missão?

— Localizámos a nave.

— Que maravilha — respondeu Halfrunt. — Que maravilha. Há ocupantes?

— O terrestre está lá.

— Excelente! E...?

— Uma fêmea do mesmo planeta. São os últimos.

— Muito bem. Muito bem — congratulou-se Halfrunt. — Mais alguém?

— O Prefect.

— Sim?

— E o Zaphod Beeblebrox.

Por um instante, o sorriso de Halfrunt vacilou.

— Ah sim, — disse, — já esperava que isso acontecesse. É lamentável.

— Amigo seu? — quis saber o vogon, que já tinha ouvido a palavra «amigo» algures e decidiu experimentá-la.

— Não — respondeu Halfrunt. — Na minha profissão, não fazemos amigos.

— Ah — grunhiu o vogon. — Afastamento profissional.

— Não — explicou Halfrunt alegremente. — É uma questão de não termos grande vocação para isso.

Fez uma pausa. A boca continuava a sorrir, mas os olhos não.

— Esse Beeblebrox — continuou — é um dos meus clientes mais rentáveis. Tem problemas de personalidade que são o sonho de qualquer analista. — Deixou-se ficar a remoer este conceito durante alguns instantes antes de seguir em frente. — De qualquer maneira, está pronto para a sua tarefa?

— Sim.

— Ótimo. Destrua a nave imediatamente.

— E o Beeblebrox?

— Bom, — disse Halfrunt com os olhos a brilhar, — o Zaphod é só o Zaphod, está a perceber?

E desapareceu do ecrã.

O capitão vogon pressionou o botão do intercomunicador que lhe permitia estabelecer contacto com o que restava da tripulação.

— Atacar — ordenou.

Nesse preciso momento, Zaphod Beeblebrox estava na sua cabina a dizer palavras muito alto. Duas horas antes, tinha dito que iriam comer qualquer coisa ao Restaurante no Fim do Universo e tivera uma discussão acesa com o computador de bordo antes de se retirar, irado, gritando que havia de calcular os fatores de improbabilidade usando um lápis.

O motor de improbabilidade era o motivo pelo qual a *Coração de Ouro* era a nave mais poderosa e imprevisível em existência. Não havia nada que não pudesse fazer, desde que se soubesse exatamente até que ponto era improvável que acontecesse o que se queria que a nave fizesse.

Zaphod tinha-a roubado quando, como Presidente, era suposto estar a apresentá-la oficialmente. Não sabia ao certo porque a tinha roubado, mas sabia que gostava bastante dela.

Nem sequer sabia como se tinha tornado Presidente da Galáxia, apenas que era uma maneira divertida de passar o tempo.

Sabia que existiam razões melhores do que estas, mas estavam sepultadas numa secção obscura e remota dos seus dois cérebros. Desejava que a secção obscura e remota dos seus dois cérebros se fosse embora, porque, de vez em quando, vinha ao de cima e punha-lhe pensamentos estranhos

nas secções porreiras e divertidas da sua mente, tentando distraí-lo do que considerava ser o seu principal objetivo na vida: passar um bom bocado.

De momento, não estava a passar um bocado nada bom. Tinha perdido a paciência e os lápis e estava furioso.

— Filho d'uma constelação badalhoca! — gritou.

Na mesma altura, Ford Prefect estava em pleno ar. Não porque houvesse um problema com o campo de gravidade artificial da nave, mas porque estava a saltar da escada que conduzia às cabinas pessoais. Era um salto muito alto para se fazer de uma só vez e aterrou de forma insegura. Cambaleou, recuperou o equilíbrio, correu pelo corredor fora, lançando um par de minúsculos robôs de limpeza contra a parede e escancarando a porta de Zaphod antes de explicar o que lhe ia na cabeça.

— Vogons! — disse.

Pouco antes, Arthur Dent tinha deixado a sua cabina para procurar uma chávena de chá. Não era uma missão que empreendesse com grande otimismo, porque sabia que o único sítio em toda a nave onde poderia encontrar uma bebida quente era uma máquina tacanha produzida pela Corporação Cibernética de Sirius. Chamava-se Sintetizador de Bebidas Nutri-Matic e já a tinha encontrado antes.

Era suposto conseguir produzir uma vasta gama de bebidas ajustadas aos gostos pessoais e metabolismos de quem se desse ao trabalho de a usar. Mas, quando isso acontecia, o resultado era sempre um copo de plástico cheio de um líquido que era praticamente, mas não completamente, diferente de chá.

Tentou dialogar com a coisa.

— Chá — disse ele.

— Desfrute e partilhe — respondeu a máquina, produzindo outro copo.

«Desfrute e partilhe» é o lema do departamento de reclamações da Corporação Cibernética de Sirius que, atualmente, cobre os principais continentes de três planetas de tamanho médio e consegue ser o único departamento da Corporação a ter apresentado lucro nos últimos anos.

O lema ergue-se, ou melhor, erguia-se, em grandes letras luminosas com quatro quilómetros de altura junto ao porto espacial do departamento de reclamações em Eadraz. Infelizmente, o peso das letras era tão grande que, pouco após terem sido erguidas, o solo abateu sob elas e enfiaram-se

até metade do seu tamanho através dos gabinetes de muitos jovens e talentosos executivos (já falecidos).

A metade superior das letras que ainda é visível parece dizer, na língua local, «Vai enfiar a cabeça num porco», e estas apenas são iluminadas em ocasiões muito especiais.

Arthur deitou fora o sexto copo de líquido.

— Ouve lá, sua máquina, — disse, — dizes que és capaz de sintetizar qualquer bebida existente. Então porque me estás sempre a dar esta porcaria intragável?

— Nutrição e dados de prazer sensorial — gargarejou a máquina. — Desfrute e partilhe.

— Sabe mal!

— Se gostou da experiência proporcionada por esta bebida, — continuou a máquina, — porque não partilhá-la com os seus amigos?

— Porque — tentou explicar Arthur — quero que continuem a ser meus amigos. Não podes tentar compreender o que te digo? Esta bebida...

— Esta bebida — interrompeu a máquina com gentileza — foi individualmente concebida para satisfazer os seus padrões pessoais de nutrição e prazer.

— Ah — disse Arthur. — Então sou um masoquista a fazer dieta, não é?

— Desfrute e partilhe.

— Cala-te.

— É tudo?

Arthur decidiu desistir.

— Sim — disse.

Mas, logo a seguir, mudou de ideias.

— Não — corrigiu. — Olha, é muito, muito simples... só quero... uma chávena de chá. E tu vais dar-me uma. Cala-te e ouve.

E sentou-se. Falou à Nutri-Matic da Índia, da China e de Ceilão. Falou-lhe de folhas largas secando ao sol. Falou-lhe de bules prateados. Falou-lhe de tardes de verão no jardim. Falou-lhe sobre pôr o leite antes do chá para não o escaldar. Até lhe falou (brevemente) sobre a história da Companhia Britânica das Índias Orientais.

— Então é só isso? — perguntou a Nutri-Matic quando acabou.

— Sim — respondeu Arthur. — É isso que quero.

— Queres o sabor das folhas secas em água fervida?

— Hmm... sim. Com leite.

— Esguichado por uma vaca?

— Bom... essa é uma maneira de pôr as coisas, sim.

— Vou precisar de ajuda — disse a máquina secamente. A entoação festiva desapareceu e, pela voz, percebia-se que estava a levar a empresa muito a sério.

— Posso ajudar? — quis saber Arthur.

— Já fizeste muito — informou a máquina antes de contactar o computador de bordo.

A Nutri-Matic explicou o chá ao computador. O computador fez passar a informação pelos circuitos lógicos num esforço conjunto e, juntos, ficaram imersos num silêncio noturno.

Arthur observava e esperava, mas parecia não estar a acontecer nada.

Bateu-lhe levemente, mas nada aconteceu.

Eventualmente, acabou por desistir e encaminhou-se para a ponte de comando.

Na vasta imensidão do espaço, a *Coração de Ouro* imobilizou-se. À sua volta, cintilavam os biliões de pontos luminosos que constituíam a galáxia e, movendo-se na sua direção, o trambolho amarelo da nave vogon.